



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 20 de setembro de 2024

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quinta-feira	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
0,47% São Paulo	134.882 16/9 17/9 18/9 19/9	R\$ 5,424 (-0,69%)	R\$ 1.412	R\$ 6,054	10,40%	10,65%	IPCA do IBGE (em %)
1,26% Nova York							Abril/2024 0,38
							Maior/2024 0,46
							Junho/2024 0,21
							Julho/2024 0,38
							Agosto/2024 -0,02

PÓS-COPOM

Um dia depois de o Banco Central retomar aumento da taxa Selic, mercado diverge sobre o ritmo de alta da próxima reunião

Bolsa e dólar caem após alta de juros

» ROSANA HESSEL
» FERNANDA STRICKLAND

Um dia após o Banco Central voltar a subir a taxa básica da economia (Selic) pela primeira vez desde 2022, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) e o dólar recuaram com a expectativa de maiores ganhos na renda fixa. Depois de o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC elevar a Selic de 10,50% para 10,75% ao ano, o Índice Bovespa, principal indicador da B3, encerrou o pregão de ontem com queda de 0,47%, a 133.122 pontos, na contramão da Bolsa de Nova York, onde o Índice Dow Jones subiu 1,26% depois de o Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos) cortar os juros básicos em 0,50 ponto, para o patamar de 4,75% a 5% ao ano, refletindo uma política monetária mais branda diante dos sinais de desaceleração econômica na maior potência do planeta.

Já o dólar voltou a cair e fechou o dia cotado a R\$ 5,42 para a venda, o menor patamar do mês e, com isso, o real teve a segunda melhor performance entre as principais divisas emergentes e de países exportadores de commodities ontem, ficando atrás apenas da moeda australiana. “O câmbio e a Bolsa reagiram como esperado após o Copom, com o real se valorizando por conta do diferencial na taxa de juros enquanto a Bolsa recuou com a maior atratividade da renda fixa”, explicou Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos.

A divergência entre os analistas está no ritmo de alta da Selic na próxima reunião do Copom, em novembro. Para Cruz, o BC deverá acelerar o ritmo de alta da Selic para 0,50 ponto porcentual e, em dezembro, o ritmo dependerá de como os mercados vão se comportar no fim

do ano. “Caso melhor, daria para pensar em uma redução do ritmo”, explicou. Alexandre Espírito Santo, economista da Way Investimentos, é mais conservador e espera mais duas altas de 0,25 ponto percentual na taxa Selic até o fim do ano. “Sinceramente, acho que um miniciclo de 0,75 ponto percentual de alta seria suficiente, mas parece que o mercado comprou a ideia de que é necessário um aperto mais forte e tem economista falando em Selic no fim do ciclo de até 12,50% ao ano, mas acho um tanto quanto exagerado. Mas, vamos ver os próximos números”, afirmou.

Sergio Goldenstein, estrategista da Warren Rena, por sua vez, segue prevendo outras três altas adicionais de 0,25 ponto percentual na taxa Selic, para 11,50% ao ano até janeiro de 2025. “Mas, reconhecemos que aumentou a possibilidade de um ciclo mais intenso, em particular, se o desempenho do real não contribuir para o processo de desinflação e caso os indicadores de atividade e mercado de trabalho continuem a mostrar um forte dinamismo”, escreveu, em um relatório aos clientes. Ele espera, inclusive, que a reação inicial do mercado à decisão e ao comunicado do Copom continue sendo de uma redução da inclinação da curva de juros e apreciação do real.

Na avaliação do economista-chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Daycoval, Rafael Cardoso, o Banco Central foi bastante duro no comunicado da reunião do Copom, reagindo a fatores externos e internos. Para ele e sua equipe, o colegiado deverá aumentar o ritmo de alta para 0,50 ponto percentual nas duas próximas reuniões e, depois, reduzirá para 0,25 ponto percentual, quando encerrará o ciclo com a Selic em 12%. “A nossa interpretação é de que o BC decidiu assumir o controle de forma mais ativa, tomando as

AFP



Ibovespa recua 0,47%, após aumento da Selic, e dólar fecha, ontem, em R\$ 5,42, menor patamar do mês

rédeas da política monetária, sem depender de fatores externos. Internamente, o Banco Central passou a ver o balanço de riscos como assimétrico. O principal fator para essa avaliação foi a reavaliação em torno da atividade econômica mais forte que o esperado”, explicou.

Segundo Paulo Cunha, CEO da iHUB Investimentos, as decisões dos bancos centrais do Brasil e dos Estados Unidos estavam em linha com as expectativas do mercado, mas seus efeitos ainda serão sentidos nos próximos meses. “Essas magnitudes eram esperadas, principalmente aqui no Brasil, onde o aumento foi moderado. Isso deve

continuar favorecendo ativos de renda fixa e investimentos atrelados à Selic realizando sua principal função, o controle inflacionário. Já nos EUA, o corte pelo Fed foi visto como um sinal claro de que a desaceleração econômica preocupa, o que pode impactar a curva de juros globalmente”, avaliou Cunha. “O Banco Central brasileiro adotou uma postura mais dura (‘hawkish’) ao deixar claro que mais altas podem ocorrer caso a inflação persista. Isso traz previsibilidade e deve continuar favorecendo investimentos em renda fixa e títulos públicos. A curva de juros pode cair um pouco no longo prazo, e o

mercado de câmbio também pode responder positivamente, com o dólar em leve queda”, acrescentou.

Ajustes

Os investidores, agora, precisam ajustar suas carteiras de acordo com as novas realidades econômicas em cada país. No Brasil, a elevação da Selic mantém a atratividade de investimentos em renda fixa, enquanto, nos EUA, o corte dos juros pode favorecer ativos mais arriscados, como ações, mas ainda depende da resposta do mercado às novas condições econômicas. Para o economista

» Setor produtivo lamenta

A retomada da alta dos juros básicos ocorreu após o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgar aumento de 1,4% no Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, acima das expectativas do mercado e desagradou o setor produtivo. A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cebic), por exemplo, lamentou o aumento da taxa Selic. “A entidade avalia que a decisão da autoridade monetária deve criar obstáculos novos ao investimento em infraestrutura, assim como reduzir o volume de depósitos na caderneta de poupança”, informou a nota da entidade. Renato Correia, presidente da Cebic, demonstrou preocupação e destacou que a construção é fator essencial na formação de capital fixo no país. “O desafio é desenvolver o Brasil sem as condições necessárias para o investimento acontecer”, afirmou, na nota.

Otto Nogami, professor do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), a decisão do Fed pode ser vista como um reflexo do progresso na luta contra a inflação e um movimento para equilibrar os riscos econômicos. “No Brasil, essa redução pode trazer alguns impactos positivos, como a valorização do real e um possível alívio na política monetária”, afirmou. Nogami disse que a decisão do Copom foi acompanhada por uma queda na B3 e uma leve desvalorização do dólar frente ao real. “Esses movimentos refletem a cautela dos investidores diante do novo cenário de juros mais altos.”

ARRECADAÇÃO

Receita registra novo recorde em agosto

» RAFAELA GONÇALVES

A arrecadação federal de impostos e contribuições federais somou R\$ 201,6 bilhões, em agosto — aumento real (descontada a inflação) de 11,95%, na comparação com o mesmo mês do ano passado — e o maior valor para o mês da série histórica, iniciada em 1995, conforme os dados da Receita Federal.

No mês anterior, a arrecadação somou R\$ 231 bilhões, representando queda de 12,7% na passagem de julho para agosto. No acumulado de janeiro a agosto, o valor arrecadado somou R\$ 1,73 trilhão, dado 9,47% superior ao recolhido no mesmo período do ano passado, quando a soma foi de R\$ 1,52 trilhão. O saldo também é recorde para os oito primeiros meses do ano.

Segundo o Fisco, os recortes acontecem após o governo ter aprovado uma série de medidas arrecadatórias no Congresso em 2023, como a tributação de fundos exclusivos, os “offshores”. Também contribuiu para o saldo positivo o retorno

da tributação do PIS/Cofins sobre combustíveis e mudanças na tributação de incentivos (subvenções) concedidos por estados, além da limitação no pagamento de precatórios (decisões judiciais).

No mês, houve crescimento real de 19,31% da arrecadação do Imposto de Renda sobre ganho de capital (IRRF Capital), decorrente da tributação dos fundos exclusivos. O desempenho da arrecadação da Cofins e Pis/Pasep, que teve aumento real de 19,34%. Já o recolhimento do Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas (IRPF) cresceu 17,99%.

Segundo o chefe do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros da Receita Federal, Claudemir Malaquias, “todas as projeções de arrecadação do governo federal com medidas extraordinárias foram reestimadas”. As novas projeções devem constar no Relatório Bimestral de Avaliação de Despesas e Receitas Primárias, que será divulgado hoje.

Uma das medidas que não tiveram o desempenho esperado foi a mudança no voto de qualidade em

Joédson Alves/Agência Brasil



Recolhimento de tributos cresce 11,95%, em agosto, para R\$ 201,6 bilhões

processos do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf).

Renúncias

Em agosto, a renúncia fiscal com as desonerações atingiu a marca de R\$ 10,1 bilhões. No acumulado dos oito primeiros meses do ano, R\$ 82,5 bilhões deixaram de entrar nos cofres públicos. No entanto, o número acumulado é 14,1% maior que o registrado em julho, de R\$ 72,3 bilhões.

O economista da XP, Tiago Sbardelotto, afirmou que a arrecadação de agosto continuou a sustentar a tendência de alta

observada desde o início do ano. No entanto, mesmo com a expectativa de que permaneça na tendência positiva, isso não deve ser suficiente para atingir a meta de resultado primário. “Uma vez que o desempenho da arrecadação relacionada às transações tributárias e ao Carf permanece muito abaixo das estimativas do governo”, avaliou. “Nesse sentido, acreditamos que as receitas não tributárias, como dividendos e aquelas relacionadas à compensação da desoneração da folha de pagamento, serão fundamentais para que o governo atinja o limite inferior à meta”, emendou.

TCU faz alerta sobre meta

O Tribunal de Contas da União (TCU) emitiu um alerta ao Ministério da Fazenda sobre o risco de descumprimento da meta fiscal deste ano por causa da baixa arrecadação com a retomada do voto de qualidade em processos no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf).

Com a medida, houve a inclusão inicial de previsão de receita de R\$ 54,7 bilhões no Projeto de Lei Orçamentária Anual (Ploa) de 2024. Ao longo do ano, o valor foi gradualmente revisado para baixo a cada avaliação bimestral, até alcançar R\$ 37,7 bilhões no Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do terceiro bimestre de 2024.

No entanto, a arrecadação nos primeiros sete meses havia alcançado apenas R\$ 83,3 milhões, ou 0,22% da estimativa prevista para o ano. A área técnica do TCU constatou que há risco de “frustração” da receita, o que colocaria sob risco a meta de déficit zero.

“Constato que a probabilidade de frustração de receita desavenegadura possui potencial de comprometer as metas estabelecidas, mais ainda pelo fato

de o Executivo vir trabalhando no limite inferior da meta”, apontou o ministro-relator do processo, Jhonatan de Jesus, em nota técnica.

O alerta sobre o descumprimento da meta é uma obrigação do TCU, segundo a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). O alerta foi encaminhado aos ministérios da Casa Civil, da Fazenda e do Planejamento e Orçamento.

O Carf é o órgão responsável por julgar recursos administrativos relacionados a tributos federais e contribuições previdenciárias. Quando contribuintes ou a Receita Federal discordam de decisões fiscais, podem recorrer ao conselho, que tem como função resolver essas disputas por meio do voto de qualidade.

Quando o voto de qualidade é a favor da Fazenda, o contribuinte tem a opção de parcelar o crédito tributário. Nesses casos, há um lapso entre o julgamento e o ingresso dos recursos. Por exemplo, o prazo é de 60 dias entre o julgamento e a notificação do responsável, e de 90 dias, para optar pelo pagamento mais vantajoso. (RG)